

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Tayná Werlang De Carli

**A PRESENÇA DA LINGUAGEM NEUTRA E INCLUSIVA NO DISCURSO
CIENTÍFICO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EM FRANCÊS**

Porto Alegre

2022

Tayná Werlang De Carli

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Dias Loguercio

Porto Alegre

2022

Tayná Werlang De Carli

**A PRESENÇA DA LINGUAGEM NEUTRA E INCLUSIVA NO DISCURSO
CIENTÍFICO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EM FRANCÊS**

Banca Examinadora:

Prof.^a Ma. Diana Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Me. Cristian Cláudio Quinteiro Macedo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

– Un mot, qu'est-ce que c'est ?

– Un mot, c'est ce qui se tait.

La chinoise (1967), Jean-Luc Godard

AGRADECIMENTOS

Às minhas professoras da Faculdade de Letras, pelo aprendizado e pelas experiências.

À minha orientadora Sandra, pela paciência, pelo apoio e pelo carinho durante toda a graduação.

A todos os meus amigos e amigas, pelo apoio infinito.

À Julia Pinheiro, colega e amiga que muito admiro e que me inspira diariamente, pela amizade, pela cumplicidade e pelas risadas.

Ao meu amigo Fernando Claro, pela ajuda nos momentos mais importantes e pelos conselhos.

À minha família, pelo ambiente acolhedor que me permitiu escrever.

RESUMO

O presente trabalho buscou observar se o discurso acadêmico-científico em língua portuguesa brasileira e em língua francesa é permeável à linguagem neutra ou inclusiva. Após fazer um panorama do debate na atualidade no Brasil e em países francófonos, a linguagem neutra e a linguagem inclusiva foram introduzidas e alguns exemplos de seus usos foram demonstrados. A pesquisa se deu através de *corpora* em português brasileiro e em francês, compostos por resumos de artigos científicos publicados em periódicos de livre acesso e por transcrições de introduções de congressos e colóquios disponibilizados virtualmente, com o recorte temporal dos anos de 2019 a 2022. Através da pesquisa exploratória dos dados obtidos, após sua exposição e posterior análise, foi possível observar que as linguagens inclusiva e neutra têm, sim, conseguido permear o texto científico em português e em francês nos últimos anos, assim como as falas em eventos acadêmicos. A linguagem inclusiva se mostra mais presente nesse tipo de texto e de enunciado, enquanto a linguagem neutra é menos utilizada que a linguagem inclusiva, mas também está presente no texto científico e em eventos acadêmicos.

Palavras-chave: Gêneros acadêmico-científicos. Gênero. Linguagem neutra. Linguagem inclusiva.

RÉSUMÉ

Cette étude prétend vérifier si le discours scientifique et universitaire en portugais et en français est perméable à un langage neutre ou inclusif. Après avoir donné un aperçu du débat actuel au Brésil et dans des pays francophones, nous avons défini le langage neutre et inclusif, en les illustrant par quelques exemples et emplois. Pour mener cette étude exploratoire, nous nous sommes appuyés sur des *corpus* en portugais brésilien et en français, composés de résumés d'articles scientifiques publiés dans des revues en libre accès et sur des transcriptions d'introductions à des congrès et des colloques mises à disposition virtuellement, entre les années 2019 et 2022. Les résultats de nos requêtes et analyses ont permis d'observer que les langages inclusif et neutre ont effectivement déjà pénétré le discours scientifique en portugais brésilien et en français au cours de ces dernières années. Le langage inclusif est plus fréquent encore que le langage neutre, mais celui-ci apparaît déjà tant dans des textes publiés que dans les conférences scientifiques.

Mots-clés : Genres scientifiques/universitaires. Genre. Langage neutre. Langage inclusif.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A LINGUAGEM INCLUSIVA E A LINGUAGEM NEUTRA	13
2.1	O QUE É LINGUAGEM NEUTRA OU INCLUSIVA?	13
2.2	O DEBATE	15
2.3	MOTIVAÇÕES E QUESTÃO DE PESQUISA	21
2.4	OBJETIVOS.....	23
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	25
3.1	A MARCAÇÃO DE GÊNERO	25
3.2	A NORMA	26
3.3	O QUE MOSTRAM TRABALHOS ACADÊMICOS RECENTES	26
3.4	O QUE DIZ A SOCIOLINGUÍSTICA.....	28
3.5	A LINGUAGEM NEUTRA E A LINGUAGEM INCLUSIVA.....	29
3.5.1	Exemplos de LI e LN em português brasileiro	30
3.5.2	Exemplos de LN e LI em francês	32
4	METODOLOGIA	34
4.1	DADOS OBTIDOS	36
4.1.1	<i>Corpus</i> em português brasileiro	37
4.1.2	<i>Corpus</i> em língua francesa.....	39
5	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A linguagem inclusiva (LI) e a linguagem neutra (LN) são usadas principalmente por pessoas LGBTQIA+ e por pessoas com conhecimento do debate e que reconhecem a importância da pauta. É importante diferenciar o propósito da linguagem neutra do propósito da linguagem inclusiva. A linguagem neutra busca a dissolução do gênero, ou o gênero neutro, e a linguagem inclusiva tem como um dos objetivos dar visibilidade às mulheres, e ir contra a suposta neutralidade masculina da língua em questão.

A sigla LGBTQIA+ significa lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexo, assexuais e demais sexualidades e identidades, como pessoas não binárias (que não se identificam com o gênero masculino nem com o feminino). Os três primeiros dizem respeito à sexualidade de uma pessoa, ou seja, com quem ela se relaciona sexual ou amorosamente. Já pessoas assexuais não sentem atração ou não se relacionam sexualmente. Transexualidade é a condição de uma pessoa que não se identifica com o gênero com o qual foi designada ao nascer. *Queer* é um termo em inglês usado para designar pessoas que não são heterossexuais ou que não são cisgênero. Intersexo são pessoas que têm características sexuais congênitas (presentes desde o nascimento) de ambos os sexos. Esta última não diz respeito à sexualidade ou à identidade de gênero do indivíduo, mas ao corpo físico. Em suma, a sigla busca dar conta de toda uma diversidade de sexo e gênero, comum nas sociedades, que não se identificam com a “norma” heterossexual, de poder hegemônico na história contemporânea ocidental.

Em 2019, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2,9 milhões de brasileiros adultos se declararam homossexuais ou bissexuais, enquanto 1,1 milhão declarou não saber sua orientação sexual e 3,6 milhões não quiseram responder (IBGE, 2022). As pesquisas do Instituto ainda não abarcam a transexualidade e outras formas de identidade de gênero e de sexualidade.

O preconceito contra pessoas LGBTQIA+ é chamado de LGBTfobia, mas também existem termos específicos para o preconceito e a violência contra cada sexualidade, como transfobia, lesbofobia, homofobia e bifobia, sem contar a misoginia, mais bem descrita, que é o ódio e a repulsa contra mulheres. O Brasil apresenta altos índices de violência contra essas populações, que só pioraram durante a pandemia da Covid-19. O último relatório de mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil, publicado em 2022 e organizado pelo Grupo Gay da Bahia

e pela Aliança Nacional LGBTI+, revela que, em 2021, foram 300 pessoas LGBTQIA+ mortas de forma violenta no nosso país. Segundo o relatório, no ano de 2021, os grupos mais violentados foram os homens gays, seguidos das travestis e mulheres trans (OLIVEIRA; MOTT, 2022, p. 33).

Além dessa triste realidade, a violência contra a mulher também aumentou no Brasil. A violência contra a mulher pode acontecer de diversas formas, e muitas vezes a vítima convive com o agressor, que pode ser um familiar ou cônjuge. A violência contra a mulher pode ser física, sexual, psicológica, patrimonial ou moral (BRASIL, 2022). Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, até julho de 2022, foram feitas mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar à Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH) (BRASIL, 2022). Isso sem incluir os casos em que a vítima não consegue denunciar a violência, em razão da dependência, do medo, da opressão, entre outros fatores. Entre março de 2020 e dezembro de 2021, dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que 2.451 mulheres morreram vítimas de feminicídio¹ e mais de 100 mil casos de estupro e estupro de vulnerável foram relatados (FBSP, 2022).

Os dados de violência contra esses grupos no país são a principal motivação do presente trabalho, é o que me move em direção ao tema escolhido. Além disso, o debate sobre a linguagem inclusiva ou neutra cresce cada vez mais. Exemplos como “todes”, “todxs” ou “tod@s” suscitam todo tipo de discussão e de opiniões por parte dos falantes da língua. Um dos argumentos levantados contra a linguagem neutra é que, no português brasileiro, o “neutro” é masculino (também chamado de “masculino genérico”): se em um ambiente com homens e mulheres, generaliza-se dizendo “bom dia a todos”. Segundo esse ponto de vista, ninguém deveria se sentir excluído dessa saudação, pois “todos” inclui todos e todas as pessoas presentes na sala. Por outro lado, questiona-se o motivo de escolher o masculino como geral, como padrão. Haveria um apagamento de mulheres e pessoas não binárias ao usar o masculino como forma de neutralidade.

Outro argumento muito levantado quando se fala sobre linguagem neutra é a sua possível não acessibilidade. Um texto é considerado acessível quando é facilmente lido por pessoas com algum tipo de deficiência. Estas usam leitores de tela, que são programas

¹ O feminicídio é a morte de uma mulher em razão do seu gênero. Crime hediondo e crime de ódio, não se trata de um evento isolado, mas de uma série de violências e abusos que culminam em seu assassinato (BRASIL, 2015).

(*softwares*) que leem o conteúdo mostrado na tela do computador ou do celular e dão respostas sonoras. Palavras com a letra X ou o símbolo @, por exemplo, tornam certos textos inacessíveis para determinados grupos.

Dessa forma, é possível começar a compreender por que motivos a LI/LN, intrinsecamente ligadas a mudanças sociais e, conseqüentemente, na língua, enfrentam resistência por uma parte da sociedade, como será visto no capítulo sobre a atual situação do debate no Brasil e no mundo. Ademais, tal resistência é percebida não só na língua brasileira e na língua francesa, mas também em línguas como o espanhol e o italiano, que já adotaram pronomes neutros e cujos falantes também estão debatendo sobre o uso da linguagem inclusiva.

Assim como no Brasil, foram estabelecidas algumas maneiras de fazer uso da linguagem neutra em francês. O pronome *iel*, por exemplo, que se distingue tanto de *il* quanto de *elle*, respectivamente os pronomes de terceira pessoa masculino e feminino em francês, refere-se ou a uma pessoa que não se inclui no gênero masculino nem no feminino, ou quando não se quer designar o gênero da pessoa mencionada no discurso. Essa e outras formas serão exploradas no estudo.

O trabalho começa com um breve panorama sobre o debate acerca da LN e da LI nos principais meios de comunicação e documentos oficiais do Brasil e dos países francófonos, além de apresentar uma amostra do posicionamento de presidentes, cidadãos e linguistas sobre o tema. Tais posicionamentos serão expostos e brevemente debatidos, para que se possa entender e contextualizar o andamento da discussão na atualidade.

Em seguida, a fim de verificar a permeabilidade do discurso acadêmico-científico em relação à LN/LI, nosso objetivo central no trabalho, foram coletadas amostras de três tipos de textos acadêmicos que cobrem de 2019 a 2022, tanto em português brasileiro (PT-BR) quanto em língua francesa (FR). Foram analisados resumos de artigos acadêmicos disponibilizados *on-line* em *sites* de revistas acadêmicas, transcrições de introduções de conferências acadêmicas feitas *on-line* ou gravadas e posteriormente disponibilizadas, e resumos em atas de congressos.

A partir desse *corpus*, buscou-se observar como a linguagem científica tem se referido a grupos de pessoas diferentes, se a LN/LI tem conseguido permear essa linguagem nos últimos anos e como tal permeabilidade é vista em diferentes áreas do conhecimento, se seu uso varia de acordo com a data, a área de pesquisa ou o tema abordado pelo artigo, revista, conferência

ou congresso, e como autores, mediadores, professores, alunos e palestrantes têm se posicionado, ao marcarem ou não seu discurso.

2 A LINGUAGEM INCLUSIVA E A LINGUAGEM NEUTRA

Esta seção abordará a definição de *linguagem neutra* ou *linguagem inclusiva*, assim como a definição de temas essenciais para entendê-las (gênero, conservadorismo, norma linguística etc.). Também será feito um breve panorama da situação atual do debate sobre o tema no Brasil e em países francófonos para além do ambiente acadêmico, nosso objeto de estudo. Serão abordados os principais posicionamentos da atualidade, além de uma contextualização cultural.

2.1 O QUE É LINGUAGEM NEUTRA OU INCLUSIVA?

A linguagem inclusiva não é um fenômeno tão recente quanto a linguagem neutra. O debate sobre o uso de “presidenta”, feminino de “presidente” e clássico exemplo do debate sobre a linguagem inclusiva no Brasil, surgiu ainda em 2010. Em 2012, a então presidenta Dilma Rousseff sancionou uma lei que tornava obrigatória a flexão de gênero em diplomas. A ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres Eleonora Menicucci, em seu discurso na ocasião da cerimônia de sanção da Lei do Femicídio (Lei n. 13.104), em 2015, finalizou sua fala com “muito obrigada e boa tarde *a todas e todos*” (BRASIL, 2015, grifo nosso).

A linguagem neutra é um dos debates emergentes da sociedade do século XXI. Está atrelada à consideração de que, para muitas pessoas, os gêneros masculino e feminino expressos nas línguas não as representam. Um dos princípios desse tipo de linguagem, por vezes considerado como um verdadeiro movimento, é a recusa de usar o masculino para generalizar um grupo de pessoas composto também por outros gêneros que não o masculino. Além disso, usa-se a linguagem inclusiva para acolher de forma não binária outros gêneros, como pessoas agênero ou que não se sentem acolhidas pelo binarismo feminino-masculino.

Para falar sobre linguagem neutra, é necessário primeiro conhecer a definição de gênero e a diferença entre gênero e sexo. *Gênero* é um conceito complexo, que pode ser definido como “uma categoria cultural que modela nosso desenvolvimento enquanto homens e mulheres adultos [...]; o gênero representa uma transformação cultural do sexo” (KELLER, 2003). Gênero diz respeito ao modo como uma pessoa é vista pela sociedade, como ela será educada pela família e como será sua vida a partir disso. Gênero também pode ser explicado como um

conjunto de comportamentos, maneirismos e hábitos a partir do qual uma pessoa será percebida. Desse conceito surgem vários outros: ideologia de gênero, papel de gênero, construção de gênero. O gênero também pode ser percebido como um espectro que oscila do feminino ao masculino, podendo ser neutro.

A chamada *flexão de gênero* aparece, por exemplo, quando nos referimos a ofícios e profissões, como em “bacharela” e “presidenta”, ao invés de usar “bacharel” e “presidente”, que, em português, até bem recentemente, eram *substantivos comuns de dois gêneros*. Entretanto, com a proposta de dar destaque ao gênero feminino e ao fato de que mulheres têm ocupado lugares cada vez menos minoritários em profissões historicamente “masculinas”, usa-se “bacharela” e “presidenta”. Vale salientar que tal mudança e debate acompanha e é fruto de décadas do movimento feminista e da transformação efetiva das sociedades ocidentais, em que as mulheres foram conquistando direitos, acesso à formação de ensino superior e a profissões que, no século XX, ainda eram majoritariamente dominadas por homens.

A Resolução n. 376, de 2 de março de 2021, visando os princípios da igualdade e da isonomia, além do tratamento igualitário entre homens e mulheres, “dispõe sobre o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou demais designações na comunicação social e institucional do Poder Judiciário nacional.” (BRASIL, 2021). Há também documentos oficiais do governo a respeito do tema, como o *Guia de Linguagem Inclusiva para Flexão de Gênero: Aplicação e uso com foco em comunicação social*, publicado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que se posiciona a favor do uso da linguagem inclusiva. A introdução do documento afirma que a linguagem é mutável, tratando a questão a partir de uma abordagem sociolinguística – o TSE posiciona-se, assim, contra o uso do masculino como neutro e coloca, como objetivo, minimizar estereótipos e preconceitos:

A linguagem, na condição de fenômeno comunicativo, reflete um contexto histórico inclusive no que diz respeito aos papéis de gênero. Assim, as flexões de gênero naturalizam o masculino como “neutro” e colocam o feminino na condição de “outro”, invisibilizado, provocando até mesmo ambiguidades e confusões. Por ser uma forma de expressão e manifestação cultural, *a linguagem é mutável e está em constante movimento de transformação*. Molda-se às novas realidades, aos novos contextos e mesmo aos imperativos sociais de equidade. Assim, a proposta deste guia é viabilizar a adoção de uma escrita inclusiva e representativa. Desse modo, baseia-se em perspectivas que promovem a transversalização dos direitos humanos, visando a

adequação da linguagem, dos diálogos e das produções escritas e visuais. Esperamos que este guia contribua para uma comunicação atenta às novas realidades, *minimizando estereótipos e preconceitos*. (BRASIL, 2021, p. 2, grifo nosso).

A linguagem neutra vem, portanto, responder a uma demanda da sociedade. No entanto, é um tema que gera muita discussão. Um dos motivos para isso é a própria relação que o falante tem com sua língua. A norma, a gramática e as regras regem o patrimônio que é a língua, que, por sua vez, está diretamente ligada à identidade dos cidadãos. Ao “infiltrar” palavras novas na língua, ainda mais advindas de um debate que envolve a comunidade LGBTQIA+, cujas pautas ainda são pouco compreendidas de maneira geral, em um país que não apresenta educação sexual nas escolas e que é marcado, em boa medida, pelo conservadorismo comportamental – vale lembrar de outros temas que também são polêmicos na sociedade, como a legalização do aborto e a descriminalização das drogas –, não é surpreendente que as opiniões não sejam unânimes. O conservadorismo “é a favor da vida, da ‘família’, do bem comum, *da preservação da humanidade e dos costumes estabelecidos* que dão sentido à realidade mais imediata e material, apelando ao mesmo tempo à ordem e à mudança” (FERREIRA, 2016, p. 169, grifo nosso). Note-se que família, aqui, quer dizer principalmente um modelo cisgênero (cisgênero refere-se a tudo que não é transgênero) e heteronormativo (segue o modelo homem cisgênero heterossexual + mulher cisgênero heterossexual) de família. Heteronormatividade também é um termo usado para definir a presunção de que todo homem ou mulher é heterossexual, descartando outras possibilidades de sexualidade.

2.2 O DEBATE

Buscamos aqui fazer um breve panorama sobre o uso e o debate a respeito da linguagem neutra em âmbito global, expondo alguns posicionamentos recentes de escritores, políticos, jornalistas, linguistas e entidades oficiais sobre a linguagem inclusiva principalmente nas línguas portuguesa e francesa.

O escritor Pedro Bandeira declarou, em março de 2022, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, que a linguagem neutra é uma “invenção burra” e que a escola tem que ensinar “o que está no dicionário e na gramática”, além de finalizar dizendo que “a academia não vai instituir” a linguagem (FOLHA, 2022). Capitão Derrite, deputado federal pelo PP-SP, alegou

ser redundante falar “a todos e a todas”, que “todes” é uma “invenção de uma minoria barulhenta que ameaça a nossa língua portuguesa” e destacou que os “prejuízos podem ser irreparáveis, pois mudar a língua é alterar a cultura do país” (FOLHA, 2021).

Sylvia Colombo, correspondente da Folha em Buenos Aires, argumenta que a linguagem neutra é “uma mudança desnecessária e que me soa ridícula quando pronunciada em voz alta. A defesa dos direitos das mulheres pode ser feita sem isso.” (COLOMBO, 2020). Segundo a jornalista, a UBA (Universidade de Buenos Aires) já aceita o uso da linguagem na academia e em algumas de suas publicações. Em espanhol, o pronome “elle” (ou “élle”) é a opção neutra em relação a “el” e “ella”. Em outubro de 2021, a Real Academia Espanhola se pronunciou a respeito em sua conta oficial, respondendo à dúvida de um internauta sobre o tema, dizendo que o uso da linguagem neutra “não está generalizado nem assentado” e que o uso da variação com a letra X é “desnecessário” e “impronunciável” (RAE, 2021). O argumento usado pela Academia espanhola é o de que a generalização no masculino “já cumpre essa função como termo não marcado da oposição de gênero” (RAE, 2021).

O atual Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, e que representa o conservadorismo extremo de valores e costumes e, na verdade, o retrocesso em nossa sociedade, posicionou-se veementemente contra a linguagem inclusiva em diversas ocasiões. Em uma de suas falas, disse que não se pode “ceder às minorias”, e que estas deveriam se adequar (SOARES, 2022a). Em 21 de setembro de 2022, segundo o mesmo portal (SOARES, 2022b), o presidente reforçou seu posicionamento:

‘Uma parte da garotada *nem sabe português e quer a linguagem neutra*. É impressionante’, reclamou. [...]

Em outro trecho da conversa, o chefe do Executivo perguntou: ‘O que que soma isso daí?’ ‘Quer ver, o pessoal começa: ‘Bom dia a todos e todas’. Isso não existe. Não falar que eu sou machista agora. O plural é todos. Quando o cara começa assim, eu já: ‘opa, qual é a desse cara aí? Não querendo persegui-lo, nada disso’.

É possível observar que o presidente invalida e critica o uso da variação “a todos e todas”, ou seja, nem o uso da linguagem inclusiva sem neologismos não binários (como “todes” e “todxs”) é acatado por ele. Segundo, vê-se que a fala iguala gênero à sexualidade, uma confusão bastante comum entre as pessoas pouco familiarizadas com o assunto. Como

explicado anteriormente, a linguagem neutra não se refere ao conceito de sexualidade (como o exemplo, que erroneamente cita a linguagem neutra como “linguagem homossexual”), e sim ao conceito de gênero.

O trecho cita um dos argumentos mais comuns usados contra a linguagem neutra, que seria a suposta deturpação da língua. Ou, no diálogo em questão, até mesmo o contrário – que a língua estaria corrompendo os falantes, principalmente os mais jovens:

‘Lembra dois anos atrás a questão da linguagem neutra dos gays? Não tenho nada contra, nem a favor. Cada um faz o que bem entender com seu corpo. Mas por que a linguagem neutra dos gays? O que soma para gente numa redação? Agora, estimula a molecada a se interessar por essa coisa, por...’, apontou a apoiadores na saída do Palácio da Alvorada, sem terminar a frase.

Um dos homens presentes emendou que a utilização acaba ‘estragando a linguagem’. Foi então que Bolsonaro rebateu que ‘a linguagem é o de menos, vai estragando a garotada’, disse na ocasião. (SOARES, 2022b).

A afirmação de que os jovens “nem sabem português” é um dos mitos derrubados há muito tempo por Marcos Bagno (2007, p. 29) em “Preconceito Linguístico”. Segundo o autor, o brasileiro sabe, sim, falar sua própria língua, só que esta, por sua vez, está cada vez mais distante do português de Portugal. Essa falsa impressão se dá pelo fato de que o uso feito aqui difere da norma culta. Trata-se apenas de um preconceito hereditário que vê o uso popular, corriqueiro, como inferior à língua “pura”, que não passa de uma ilusão, uma ideia, que em lugar algum se realiza na prática.

Entender tais preconceitos tão intrínsecos ao povo brasileiro nos ajuda a entender por que tantas pessoas são contra a linguagem neutra. No mesmo capítulo, Bagno cita que a suposta “invasão” dos termos anglicistas não destruiu a língua, como muitos temiam, ainda no século XIX, outro exemplo de como se dá a transformação das línguas. De maneira geral, os exemplos apontam que, em todas as épocas, sempre houve o temor de transformação linguística, que nada mais é, ao fim e ao cabo, que o temor de transgressão social. Assim, pode-se perceber que o medo da “deturpação” da língua portuguesa não é novidade alguma.

Entretanto, em seu Curso de Linguística Geral, escrito por seus alunos e publicado pela primeira vez em 1916, Ferdinand de Saussure já havia percebido que a língua não é imutável, ela se transforma continuamente:

Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo. As outras instituições – os costumes, as leis etc. – estão todas baseadas, em graus diferentes, na relação natural entre as coisas; nelas há uma acomodação necessária entre os meios empregados e os fins visados. [...] (SAUSSURE, 2012, p. 116).

Para Saussure (2012), a evolução da língua se dá através do tempo e da massa social, sem os quais a língua não teria continuidade; a arbitrariedade do signo – a união de um conceito com uma imagem – faz com que estes possam ser mudados através de agentes, o que ele chama de *evolução* (ao invés de *alteração*) na língua. Além disso, para Saussure a língua *cumpr*e sua *missão* quando “se torna posse de todos”, e uma suposta língua imutável, se tentasse ser criada, seria arrastada “pela corrente que abarca todas as línguas”, pois as relações se deslocam e “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (SAUSSURE, 2012, p. 116-117).

Apesar disso, diante do uso da linguagem neutra, autoridades têm tentado coibir seu uso por meio de leis e decretos. Enquanto alguns documentos oficiais tentam reforçar o uso da linguagem não sexista, outros proíbem seu uso. Além do francês e do português, o uso da linguagem neutra também tem causado controvérsias em espanhol. Em junho de 2022, o governo argentino emitiu uma nota vetando o uso da linguagem neutra na educação inicial, primária e secundária. O Ministério da Educação de Buenos Aires usou o argumento de deturpação da língua e disse que a linguagem neutra estaria prejudicando o aprendizado dos alunos. A resolução afirma que a língua espanhola possui diversas opções para o uso não sexista da língua, e que neologismos não são necessários (BBC, 2022).

No Brasil, vê-se um movimento recente dos parlamentares contra a linguagem inclusiva ou neutra, a exemplo do Projeto de Lei (PL) n. 5198/2020, que proíbe o uso de “novas formas de flexão de gênero e de número das palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras

gramaticais consolidadas” no ensino básico, no ensino superior e em concursos públicos em todo o país:

Art. 1º É vedado a *todas instituições de ensino no Brasil*, independentemente do nível de atuação e da natureza pública ou privada, bem como a bancas examinadoras de seleções e concursos públicos, *innovar*, em seus currículos escolares e em editais, *novas formas de flexão de gênero* e de número das palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras gramaticais consolidadas e nacionalmente ensinadas.

Parágrafo único. Nos ambientes formais de ensino e educação, *é vedado o emprego de linguagem que, corrompendo as regras gramaticais, pretendam se referir a gênero neutro, inexistente na língua portuguesa*. (BRASIL, 2020, p. 1, grifo nosso).

Na justificativa do documento, lê-se que a neutralidade de gênero é “uma visão distorcida da realidade” que “tem como objetivo principal *provocar caos amplo e generalizado* nos conceitos linguísticos para que, em se *destruindo a língua*, se destrua a memória e a capacidade crítica das pessoas” (BRASIL, 2020, p. 2, grifo nosso). Entretanto, ainda não há estudos que comprovem qualquer dano causado pelo uso da linguagem neutra na memória ou na capacidade crítica. O texto também traz como argumento contra a linguagem inclusiva o fato de que esta geraria confusão para “adultos e idosos, que já estão adaptados ao vernáculo” (BRASIL, 2020, p. 3). Até o final de 2021, 34 projetos de lei estadual apresentavam propostas semelhantes, criados principalmente por partidos de direita e por parlamentares do sexo masculino (FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2021).

Em novembro, o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu uma lei em Rondônia que proibia a linguagem neutra, alegando risco de que a lei “pudesse calar professores, professoras, alunos e alunas” e que “é difícil imaginar que a sua proibição possa ser constitucionalmente compatível com a liberdade de expressão” (O GLOBO, 2021). Em 2022, foram aprovados Projetos de Lei contra a linguagem neutra em cidades como Belo Horizonte, Londrina e Porto Alegre. Já em Taubaté, o prefeito José Saud vetou o projeto, alegando inconstitucionalidade (O VALE, 2022).

Em língua francesa, assim como em língua portuguesa, a opinião também não é unânime, gerando um forte debate entre a população, as instituições, os políticos, linguistas e acadêmicos de maneira geral. Até 2019, a mera feminilização de palavras ainda era considerada

“tabu” para a Academia Francesa, criada em 1634. Em fevereiro daquele ano, o jornal francês *Le Monde* publicou uma notícia comemorando o posicionamento favorável da Academia com um “*Enfin !*” (LE MONDE, 2019). Segundo a matéria, um dos critérios para a escolha de uma entre diversas variantes foi a maior recorrência da palavra, a exemplo do feminino da palavra “*chef*”: “Apesar de evidentemente não pertencer ao ‘bom uso’, concluem os acadêmicos, é a palavra *chefe* a escolhida, por ser a mais empregada.”

Segundo o linguista Mathieu Avanzi, pesquisador da Sorbonne, o uso do pronome *iel* começou a chamar atenção no começo da década de 2020. Ele também afirma que é difícil se posicionar a favor ou contra o uso da linguagem neutra, porque os falantes da língua “farão o que tiverem vontade de fazer” (FRANCEINFO, 2021). Isso corrobora a visão de que a língua é viva e que não se pode controlá-la ou tentar parar mudanças através de leis, decretos ou proibições.

Em 2021, o verbete *iel* foi incluído na versão digital do dicionário Le Robert. Segundo Charles Bimbenet, diretor geral das edições Le Robert, estatisticamente, por meio do estudo de diversos *corpora*, constatou-se que o uso do pronome neutro vem sendo cada vez mais frequente, e cabe ao dicionário manter-se atualizado, e, ao linguista, apenas observar e estudar os fenômenos linguísticos, e não opinar sobre tais mudanças (BIMBENET, 2021). Tal inclusão gerou, naturalmente, um debate entre os falantes da língua. Em novembro de 2021, o deputado François Jolivet, do partido *En marche !* (“La République en Marche !”, ou “LREM”, mesmo partido do atual presidente da França, Emmanuel Macron), em uma carta aberta para a Academia Francesa, disse estar “estupefato com essa iniciativa” (FRANCEINFO, 2021).

Em maio de 2021, a Academia Francesa se posicionou claramente contra o uso da linguagem de gênero neutro, afirmando que ela é “contraproducente à igualdade de gênero e que é prejudicial à prática e à inteligibilidade da língua francesa” (ACADÉMIE, 2021). Em 14 de maio de 2021, corroborando essa opinião, o Ministério da Educação da França proibiu o uso da linguagem de gênero neutro nas escolas. Segundo a circular divulgada na mesma semana pelo Ministro da Educação, Jean-Michel Blanqueur, referindo-se à variante do ponto mediano, que fragmenta as palavras para abarcar ambos os gêneros, a escrita neutra é um obstáculo para a leitura e para a compreensão da escrita. O Ministro também afirmou que a leitura de tais palavras é complexa, o que dificultaria a aprendizagem dos alunos com algum tipo de deficiência (FRANÇA, 2021). Para Robert Redeker, escritor e professor de filosofia francês, a

linguagem neutra é uma “catástrofe que o ameaça de morte, que o ameaça em sua alma, que é literária”, e que essa linguagem não é inclusiva, e sim exclusiva, porque “exclui a língua de sua história” (REDEKER, 2021).

Do outro lado do oceano, porém, o periódico acadêmico de sociologia *Sessions Sociologiques*, da Universidade de Quebec em Montréal (UQAM), passou a exigir que seus artigos sejam escritos com a linguagem inclusiva usando o método do ponto mediano (o que será exemplificado no decorrer do trabalho). Nas diretrizes da revista, um dos critérios para publicação diz que os textos devem ser “feminizados segundo a escrita com o ponto mediano” e que “todos os textos devem mobilizar a escrita inclusiva” segundo as regras de um manual disponível no *site*. O referido manual foi publicado em 2020 pela revista *FeminÉtudes*, e é intitulado *Guide d’écriture inclusive (Guia de escrita inclusiva)*. O guia em formato PDF é introduzido pela “história sexista da língua francesa” e fala sobre a importância da escrita inclusiva, da não binaridade na escrita e da não binaridade na língua oral, além de possuir uma seção com atividades que podem ser preenchidas para exercitar o uso da linguagem neutra. O material propõe o uso do ponto mediano ou a linguagem inclusiva, e que seu uso seja indicado em nota de rodapé no começo do texto, explicando que quem escreve irá usar determinada linguagem e com qual propósito (dar visibilidade ao feminino ou a todas as identidades de gênero) (GUIDE, 2020).

Assim, pode-se dizer que o uso da linguagem neutra e inclusiva no Brasil e em países francófonos ainda está em debate. Entretanto, é possível perceber um padrão nos argumentos usados. Ao mesmo tempo que alguns se colocam a favor de seu uso, alegando que a língua é viva e muda com o tempo, outros tentam barrá-la, alegando que essas mudanças podem causar a sua destruição.

2.3 MOTIVAÇÕES E QUESTÃO DE PESQUISA

Assim como as pautas da sociedade evoluem, a língua também. Ainda não parece haver um consenso, legislação ou documento oficial e universal sobre o uso da LN/LI e sobre qual variante dela é a mais apropriada, o que é natural em se tratando de um fenômeno recente. A extrema atualidade do debate faz com que a pesquisa acadêmica ao redor do tema ainda esteja sendo realizada e se encontre diluída. Com esta pesquisa, pretendo apresentar alguns dados que

poderão ser úteis para a comunidade acadêmica, principalmente a de linguistas, e para futuras pesquisas sobre o tema, além de enriquecer o debate sobre a LN/LI.

São várias as razões para abordar um tema como este. O Brasil apresenta altos índices de violência contra a população LGBTQIA+ e contra as mulheres. Como foi possível notar no panorama geral do debate, a confusão entre “gênero” e “sexualidade” ainda se faz muito presente. É comum encontrar pessoas que não têm uma opinião formada sobre o tema da linguagem neutra ou sentem repulsa por neologismos e qualquer transgressão à norma. Assim, torna-se imprescindível debater cada vez mais o tema e elucidar questões ainda nebulosas que dizem respeito não só à discussão da linguagem neutra e inclusiva, mas a toda a pauta feminista e LGBTQIA+.

Enfim, a norma parece reinar suprema como a razão para se rejeitar o uso de termos como “todes” e “menines”, por exemplo. Tal linguagem seria uma deturpação da língua. No entanto, o que se percebe na prática é que as línguas são incontroláveis e permeáveis, mesmo nas situações de comunicação mais monitoradas. Os falantes podem ou não aderir a determinadas formas, por vários motivos. Por ser um tema tão recente, a sociedade ainda está o conhecendo, entendendo-o e reagindo a ele, seja positiva ou negativamente. Eis mais uma das motivações para o presente trabalho: debater brevemente sobre normas linguísticas e sobre o uso das línguas, o que contribui igualmente para a tomada de consciência, entre outros atores sociais e profissionais do texto, de revisores e tradutores.

É extremamente comum a associação da norma culta a uma linguagem erudita, que diferencia grupos sociais e pessoas “letradas” das demais. No entanto, sem muito esforço pode-se observar que o português corrente, na oralidade, na escrita formal e na informal, foge de várias dessas regras. A gramática do português em si tem um quê de inatingível: são poucos e raros os que sabem desbravar as infinitas páginas de regras e aplicá-las corretamente. Frequentemente, usa-se uma linguagem complicada e confusa para se dizer coisas simples de modo “erudito”. O que o estudioso da língua e o profissional da revisão e da tradução percebe é que, muitas vezes, essas regras são ambíguas ou pouco claras, e que se distanciam tanto da língua verdadeiramente falada pelos brasileiros que sua aplicação à risca torna a frase estranha aos falantes da própria língua.

A linguagem acadêmica, predominante em gêneros escritos monitorados, de uso social de prestígio, dentro de uma instituição de poder (acadêmico e intelectual) preza, de maneira

geral, por um efeito de impessoalidade, pela objetividade descritiva e pela formalidade ou, em outras palavras, por um distanciamento da linguagem mais espontânea. Segundo Loguercio (2022):

Essa linguagem comum, compartilhada, é moldada socialmente de maneira implícita, uma vez que é herdada ou fruto de uma adesão epistemológica, a partir do convívio em meio acadêmico [...], e de maneira explícita, por meio das recomendações dos periódicos científicos e dos pareceristas, por exemplo. (LOGUERCIO, 2022, no prelo).

Embora bastante monitorada, sempre há margem para escolhas pessoais. Portanto, é importante analisar quais são as escolhas feitas nos gêneros textuais acadêmicos e como autoras e autores têm se posicionado diante das mudanças sociais contemporâneas. Nesse sentido, este estudo também busca contribuir para a descrição da linguagem comum aos gêneros acadêmico-científicos, de uma perspectiva comparativa, a exemplo do que se tem feito em outros trabalhos (KILIAN; LOGUERCIO, 2015; LOGUERCIO; KILIAN, 2017; LOGUERCIO; CERESER; BEVILACQUA, 2018; LOGUERCIO, 2018, 2019, 2020). A LN/LI, ainda de certa forma marginalizadas, estão sendo adotadas em gêneros acadêmicos, como artigos em revistas científicas ou conferências? Se sim, há prevalência do seu uso em determinada área do conhecimento? Qual a variação mais acolhida? Esta é predominante em alguma área ou em algum tipo de discurso, como os gêneros orais (palestras, conferências, colóquios etc.)?

2.4 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a permeabilidade da linguagem acadêmica, em português brasileiro e em francês, quanto à linguagem neutra ou inclusiva.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) verificar a ocorrência ou não de marcas de linguagem neutra ou inclusiva em gêneros acadêmico-científicos em português do Brasil e em língua francesa;

- b) verificar se essas marcas, quando aparecem, ficam restritas a determinados temas ou aparecem mais ampla e aleatoriamente, em português brasileiro e em francês;
- c) verificar se prevalecem em gêneros orais (em que as mudanças linguísticas costumam aparecer antes) ou já se verificam em gêneros escritos (gêneros privilegiados para a divulgação de trabalhos científicos).

3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, inicialmente iremos definir o que é gênero gramatical e como é feita a sua marcação na língua portuguesa e na língua francesa, além de definir o conceito de vogal temática. Tal conceito é relevante para entendermos por que se generaliza usando o masculino. Posteriormente, analisaremos como as gramáticas se posicionam quanto à norma vigente e, por último, o que trabalhos acadêmicos recentes têm reunido e observado quanto ao uso da linguagem neutra na linguagem científica em língua portuguesa e francesa.

3.1 A MARCAÇÃO DE GÊNERO

A marcação de gênero em alguns substantivos é feita de maneira arbitrária, atribuindo gênero mesmo a objetos desprovidos de sexo ou gênero. Como exemplo, *casa* é um substantivo feminino, enquanto *sapato* é um substantivo masculino, mesmo que nada nesses dois objetos indique que sejam femininos ou masculinos. Estudantes de língua estrangeira por vezes têm dificuldade de assimilar o gênero de determinadas palavras, pois este, por ser arbitrário, muda de uma língua para a outra, inclusive entre línguas de mesma família como é o caso das línguas de origem latina, e o gênero dos substantivos acaba sendo assimilado com o tempo pelo falante em palavras sem indicativo de gênero ou sexo.

No português e no francês, a marcação de gênero é feita através de um sistema de gêneros formais, sendo o masculino a forma não marcada (daí o argumento de *neutralidade do masculino*) e o feminino a forma marcada. A vogal temática, por sua vez, é a vogal inserida após a raiz de uma palavra que define seu gênero. Em português, as vogais temáticas são *-a*, *-o* e *-e*. A flexão é feita a partir da vogal temática, e não da raiz da palavra, que a prepara para a flexão de gênero (KOLODNY, 2016). É o que ocorre com a raiz *menin**, que pode receber a vogal temática *-o* (masculino) ou *-a* (feminino), e a partir da qual surgem os neologismos da linguagem neutra, como *meninx*, *menin@* e *menine*.

3.2 A NORMA

No momento, a linguagem neutra parece estar situada entre a marginalização e a normatização da sociedade. A reatividade ao seu uso, como se pôde perceber pelas declarações e pela quantidade de Projetos de Lei criados em todo o Brasil, ainda se encontra indefinida; em parte, tenta-se regular ou coibir seu uso, enquanto, por outro lado, há vários materiais de autoria do Estado que defendem o uso, principalmente da linguagem não sexista. Para Marcos Bagno, práticas minoritárias podem, ao longo do tempo, tornarem-se regras.

Sendo um comportamento social, a atividade linguística está sujeita às mesmas dinâmicas que regulam e desregulam todas as demais práticas sociais, ou seja, todas as demais *normas* vigentes na sociedade. Assim é que, ao longo do tempo, práticas sociais minoritárias podem ganhar cada vez mais ampla aceitação nas esferas da sociedade até, eventualmente, saírem de sua clandestinidade e se tornarem *regras* sociais abrigadas pelas instituições *normatizadoras* (Estado, legislação, sistema escolar etc.). É o que podemos descrever como o *percurso do normal ao normativo*. (BAGNO, 2012, p. 25, grifo do autor).

Pelo que já ilustramos anteriormente, podemos aventar a hipótese de que estamos vivendo um momento de transição quanto às marcas linguísticas de gênero nas línguas contempladas aqui: elas começam a se tornar “normais”, usuais, em alguns meios e discursos, já aparecem em certos textos reguladores (manuais, recomendações de periódicos etc.), mas ainda não foram abrigadas pelas instituições normatizadoras.

3.3 O QUE MOSTRAM TRABALHOS ACADÊMICOS RECENTES

Ao fazer uma busca com os termos “linguagem neutra” ou “linguagem inclusiva” em portais como o Repositório Digital LUME (UFRGS) ou o SciELO, não foram encontrados trabalhos exclusivamente sobre o tema, apenas um pequeno número de teses e dissertações que o mencionam. Isso significa que o assunto ainda não foi ou não está sendo vastamente debatido em textos acadêmicos em língua portuguesa no Brasil. Entretanto, o mecanismo de pesquisa Google apresenta mais de 2,2 milhões de resultados para a primeira busca, e 3,6 milhões para

a segunda (buscando os termos sem aspas), o que mostra que o assunto não é irrelevante, e sim o contrário.

O trabalho de Priscila Zambrano (2022) traz um panorama sobre o que tem sido dito e divulgado sobre a linguagem inclusiva de 2011 a 2020 em âmbito científico-acadêmico, jornalístico e virtual/digital em um grupo da rede social Facebook. Através da coleta de dados em portais de divulgação científica, a autora fez uma análise quantitativa de trabalhos acadêmicos que tratam sobre a linguagem inclusiva, todos situados entre 2016 e 2019. A autora dividiu os textos em três categorias de posicionamento em relação ao tema: a primeira categoria, segundo Zambrano, majoritária, privilegia i) “um discurso estruturalista e gerativista no que compete à análise da língua”; a segunda em que autoras e autores ii) “contemplam a problemática fonética de seu uso, mas reconhecem a importância da discussão”, e há estudiosos que defendem que são iii) “as práticas sociais que regem a língua e, portanto, deve-se dar forte atenção aos fatos extralinguísticos que impulsionam a adoção da linguagem inclusiva” (ZAMBRANO, 2022, p. 72).

Após analisar artigos acadêmicos que mencionavam a linguagem inclusiva/neutra/não sexista, além de postagens de usuários em redes sociais, a autora criou um guia para o uso da linguagem inclusiva. No material, são abordados temas como variação linguística, língua e sociedade, definições de palavras-chave como gênero, sexualidade, identidade de gênero e expressão de gênero e exemplos de como usar a linguagem inclusiva.

Após a pesquisa, a autora conclui que os ataques feitos ao uso da linguagem têm raízes em preconceitos, e não em uma preocupação genuína com a língua:

a defesa da gramática normativa e do purismo linguístico muito se associam a uma visão inexorável da língua e à pouca (ou quase nenhuma) aceitação de mudanças disruptivas. Mas de que forma o debate sobre inclusão e equidade lacera os bons costumes ou de que maneira reivindicar tais questões afeta a pureza da língua? [...] Vemos, hoje, arguições que se amparam na (hipotética) imutabilidade linguística para validar discursos de ódio, discursos machistas e LGBTQIA+fóbicos; ao negar ou atacar a linguagem inclusiva, *ataca-se, na verdade, aqueles que a pleiteiam.* (ZAMBRANO, 2022, p. 78-79, grifo nosso).

Já em língua francesa, Marie Loison-Leruste, Olivia Samuel e François Théron (2022) procuraram descrever, através de uma pesquisa exploratória, como as publicações acadêmicas de língua francesa têm feito uso da linguagem inclusiva. O estudo, feito em 2020, buscou observar principalmente publicações da área de ciências humanas e foi feito através de uma enquete, enviada por *e-mail* às revistas, questionando a frequência com que a publicação recebia artigos usando a escrita inclusiva, qual a política editorial da publicação quanto ao tema, se essa era uma exigência para publicação, se haviam sido adotadas regras para esse uso e se estas eram implícitas ou explícitas, se do ponto de vista do entrevistado a LI era necessária, se esta permitia a visibilidade das mulheres, se promovia a igualdade de gênero, se reproduzia binarismos e se desnaturalizava a língua francesa, entre outras questões.

Das 64 revistas que responderam à enquete, 3 impunham uma forma de escrita inclusiva, 7 disseram se recusar a publicar artigos com tal linguagem e o restante afirmou aceitar artigos escritos com a LI; 18 responderam que a revista explicita o uso da LI em suas regras para publicação, enquanto 32 responderam que não e 14 afirmaram que não, mas que isso é um debate no comitê da publicação. Dentre as que responderam que aceitam artigos com a LI, quando questionadas sobre regras para seu uso, 28 responderam que não explicitam como deve ser feito o uso da LI, mas que respeitam seu emprego nos artigos, e 9 que não, mas que pretendiam adotar regras precisas. Quanto à linguagem em si, apenas 8 revistas responderam que o masculino equivale ao neutro e que a LI não é necessária, 38 afirmaram que a LI permite a visibilidade feminina e 32 que esta permite a igualdade entre homens e mulheres. 35 participantes afirmaram que a LI torna a leitura e a compreensão do texto complexas, enquanto apenas 7 afirmaram que a LI desnaturaliza a língua francesa. O estudo concluiu que as revistas acadêmicas de língua francesa da área de ciências sociais e humanas têm aceito a linguagem inclusiva, mas não a colocado totalmente em prática (LOISON-LERUSTE; SAMUEL; THÉRON, 2022).

3.4 O QUE DIZ A SOCIOLINGÜÍSTICA

Para a sociolinguística, diferentemente das outras correntes linguísticas, língua e sociedade estão diretamente ligadas. O sujeito age condicionado por diversos fatores, como classe social, idade etc. A sociolinguística é de grande importância para o presente trabalho

principalmente porque ajudará a justificar que o uso ou o não uso da LN ou LI não é aleatório, além de validar o interesse em observar, entender, estudar e analisar o uso dessa linguagem dentro do recorte aqui proposto.

Dado que toda mudança na língua será feita de forma gradual, é natural que um fenômeno como a linguagem neutra ou inclusiva, observado a partir das últimas duas décadas, seja integrado aos poucos à língua. Em nosso objeto de estudo, a comunicação no meio acadêmico, a sociolinguística justifica o interesse em entender quem faz uso da linguagem neutra, em que áreas do conhecimento ela é mais usada, além de qual a variante que mais aparece nos textos e nas amostras coletadas para a pesquisa. Quais são os condicionamentos de quem fala e o que esse uso pode dizer sobre a sociedade contemporânea?

No caso da LN/LI, seu uso não é inconsciente ou, por ser tão recente, feito por acaso: os falantes decidem, de forma consciente, adaptar seu discurso *fazendo uso* da língua para se posicionar, para incluir, para mostrar que há algo no atual contexto histórico que lhes desagrade. Se, há alguns anos, o uso da generalização masculina não tinha o *peso* ou o *significado* que tem hoje, é porque a sociedade mudou sua maneira de significar, de ver e de refletir sobre determinadas pautas. Ou seja, antes de qualquer mudança ocorrer na língua, as pessoas já haviam repensado sobre questões que até então pareciam naturais, como o debate sobre gênero e a violência contra a população LGBTQIA+. A partir da sociedade, inicialmente de um pequeno grupo de pessoas, então, a mudança de mentalidade passou para a fala e para a escrita. Como vimos, esse movimento não é isolado; ocorreu e continua ocorrendo em diversos países. Isso corrobora princípios essenciais da sociolinguística segundo os quais nenhuma mudança na língua é isolada de contexto social, e que a língua não para simplesmente no tempo.

3.5 A LINGUAGEM NEUTRA E A LINGUAGEM INCLUSIVA

A principal diferença entre a linguagem inclusiva e a linguagem neutra é que a primeira propõe principalmente mudanças sintáticas, ou seja, mudanças na estrutura e na organização das frases, além de estabelecer uma hierarquia entre as palavras: em “a todos e a todas”, o masculino ainda aparece antes do feminino, o que indicaria que o feminino é apenas um *apêndice* ao masculino; em “a todas e a todos”, o feminino é colocado antes do masculino, reorganizando a hierarquia entre os gêneros existentes na sociedade numa tentativa de

empoderamento e destaque do gênero feminino. Dessa maneira, há uma mudança na ordem da frase, e não nas palavras em si. A LI também propõe o uso de unidades lexicais de generalização, principalmente palavras femininas, novamente tentando dar destaque para o feminino. Um exemplo é o uso de *peessoas*: “Agradeço a todas as pessoas aqui presentes” ao invés de “Agradeço a todos os convidados aqui presentes”, que, para se tornar uma fórmula inclusiva deve prever as alternativas, como em “Agradeço a todas(os) as(os) convidadas(os) presentes”. Dentre as variações da LI, o uso de parênteses acaba por situar o gênero que está entre eles como uma segunda opção, enquanto a especificação com barra busca mostrar equidade e simetria entre os dois gêneros, o que a torna ainda mais inclusiva.

Já a linguagem neutra propõe uma mudança morfológica, ou seja, na estrutura e na formação das palavras da língua, e não no nível sintagmático da oração. Como a linguagem inclusiva ainda se mantém dentro do binarismo de gênero feminino/masculino, ela não abarca pessoas de gênero neutro ou agênero. Assim, da linguagem inclusiva, como, por exemplo, “boa noite a todas e a todos”, passamos à linguagem neutra quando dizemos “boa noite a todxs”, “boa noite a todes” ou “boa noite a tod@s”. A linguagem neutra pede mudanças mais profundas na língua, pois altera a unidade lexical, aproximando-se da criação de neologismos, e, por isso, seu uso enfrenta tantas críticas como as que mencionamos anteriormente.

A LN e a LI ainda não são oficialmente normatizadas ou usadas de forma totalmente homogênea. Aqui, vamos apresentar brevemente exemplos de usos e de reescritas de acordo com propostas de alguns manuais em português brasileiro e em francês, para a melhor compreensão do que será analisado no corpus deste trabalho.

3.5.1 Exemplos de LI e LN em português brasileiro

A LI em língua portuguesa pode ser aplicada de diversas formas. A seguir, vejamos alguns exemplos mais recorrentes do uso de LI em português brasileiro:

Quadro 1 – Lista de variações de LI em português brasileiro.

Variação	Exemplo 1	Exemplo 2
Neutralização ou abstração	O coordenador	A coordenação
Especificação dupla (M/F)	Os professores	Os professores e as professoras

Espec. dupla (F/M)	Os professores	As professoras e os professores
Espec. com parêntese	Os presidentes	Os(as) presidentes(as)
Espec. com barra	Os alunos	Os/as alunos/as

Fonte: UNIÃO EUROPEIA, 2018.

A LN, por sua vez, é um sistema um pouco mais complexo, que opta por mudanças semânticas e morfológicas ao invés da reescrita ou da reestruturação da frase. Há uma vasta gama de mudanças em pronomes oblíquos, preposições, numerais, pronomes demonstrativos e pronomes pessoais. A LN possui sistemas próprios, chamados de *sistema ilu*, *sistema el*, *sistema ile* e *sistema elu*:

Figura 1 – Exemplos de usos de LN em pronomes.

Substituído por	Exemplo na Língua Portuguesa	Exemplo na Linguagem Neutra
Pronomes não-binários "ilu(s)" pronuncia-se "ilu".	<ul style="list-style-type: none"> • Ela comeu muito. • Eles são parceiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ilu comeu muito. • Ilus são parceiros.
Pronomes não-binários "El(s)" pronuncia-se "éu".	<ul style="list-style-type: none"> • Ela comeu muito. • Eles são parceiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • El comeu muito. • Els são parceiros.
Pronomes não-binários "Ile(s)" pronuncia-se "ile". No singular, usa-se "Ile" e "Iles" o plural.	<ul style="list-style-type: none"> • Ela comeu muito. • Eles são parceiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ile comeu muito. • Iles são parceiros.
Pronomes não-binários "Elu(s)" pronuncia-se como "êlu".	<ul style="list-style-type: none"> • Ela comeu muito. • Eles são parceiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elu comeu muito. • Elus são parceiros.

Fonte: REIS, 2019.

Também é relevante para o presente trabalho entender um uso que se mostra cada vez mais comum no meio acadêmico-científico: a estrutura com ambos os gêneros no plural. Esta serve para reafirmar a presença feminina ao se referir a um grupo de pessoas, evitando usar o masculino genérico:

Figura 2 – Exemplos de usos de LI usando o plural.

Explicação	Exemplo sem Sugestão de Alteração	Exemplo com Sugestão de Alteração
Pode usar os dois gêneros (ou um só) no plural ou no singular.	<ul style="list-style-type: none"> • Aluna / Aluno; • Enfermeira / Enfermeiro; • Bacharela / Bacharel; • Psicólogo / Psicóloga. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alunas e Alunos; • Enfermeiras e Enfermeiros; • Bacharelas e Bacharéis; • Psicólogas e Psicólogos.
Quando a palavra não flexionar, omite o artigo, no plural.	<ul style="list-style-type: none"> • Os jornalistas... • Os estudantes... • Os nutricionistas... 	<ul style="list-style-type: none"> • O entrevistador respondeu às perguntas feitas por jornalistas. • As demandas de estudantes foram aceitas. • Nutricionistas recomendam alimentação saudável.

Fonte: REIS, 2019.

3.5.2 Exemplos de LN e LI em francês

Na língua francesa, semelhantemente ao português, existem formas diferentes de representar o feminino e o masculino em uma mesma palavra através da linguagem inclusiva:

Quadro 2 – Lista de variações e exemplos de LI em francês.

Variação	Exemplo
Letra maiúscula	Nous sommes québécoisEs.
Parênteses	Nous sommes des Québécois(e)s immigrant(e)s.
Barra oblíqua	Nous sommes des Montréalais/e/s content/e/s.
Hífen	Nous sommes des Montralais-e-s fâché-e-s.
Ponto mediano	Nous sommes auteur·rice·s montréalais·e·s.
Ponto	Nous sommes québécois.e.s.

Fonte: MILLER, 2018.

Manuais mais recentes, como o *Guia de escrita inclusiva* (2020), abordam também a questão da neutralidade de gênero, suprimindo as terminações femininas e masculinas e substituindo-as por terminações não binárias (que não são femininas nem masculinas):

Figura 3 – Lista de terminações inclusivas e exemplos de LN em francês.

TERMINAISON	TERMINAISON INCLUSIVE	EXEMPLE
-eur, -rice	eurice, eurices	Auteurice, spectateurice
-eau, -elle	elleau, elleaux	nouveleaux, belleau
-eur, -euse / -eux, -euses	eureuse, eureuses	heureuseuse
-s, -se	sse, xe	surprise, surprise
-oux, -ouse	ousse, x	jaloux, jalousse
-x, -se	xe	juteux, juteuse
-tre, -tresse	xe	maîtrex
-ien, -ienne	ienxe	musicienxe
-nt, -nte / -nd, -nde	nx	contentx,
-t, -te	x, xe	matelox, mateloxe
-on, -onne	onx	mignonx
-er, -ière	ierères, iér	première, premier

Fonte: GUIDE, 2020.

Figura 4 – Sugestões de contrações não binárias em francês.

CONTRACTIONS NON-BINAIRES POSSIBLES :	
elle et il	lelle – iel – ille - ellui
elles et ils	lelles – iels – illes - elleux
celle et celui	Cielle – ciel – cille - cellui
celles et ceux	Cielles – ciels – cilles - celleux - ceulles - celleux
Madame et Monsieur	Madamieur
le et la	lea, lia
maman et papa	paman
tous et toutes	toustes
frères et soeurs	Fratoeurs, froeur, adelphie, patrie

Fonte: GUIDE, 2020.

Estes são apenas alguns exemplos de escrita inclusiva e neutra em português e francês, cujo uso (ou o não uso) em textos acadêmico-científicos é o objeto de estudo desta pesquisa. Na próxima seção, será apresentada a metodologia do trabalho e depois os dados quantitativos obtidos após a análise dos *corpora*.

4 METODOLOGIA

Este trabalho foi feito através de uma pesquisa básica, exploratória e quantitativa. Os resumos foram coletados manualmente e inseridos em planilhas. As conferências foram transcritas e também inseridas em planilhas. O corpus é composto por resumos acadêmicos em língua portuguesa, resumos acadêmicos em língua francesa, transcrições de introduções de conferências *on-line* e resumos em atas de congressos. Como a linguagem neutra e inclusiva é um tema bastante atual, o recorte temporal escolhido inclui textos dos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022. A razão desse recorte é o objetivo de analisar a linguagem acadêmica contemporânea. Sabe-se que a escrita acadêmica exige uma escrita formal, e que o uso da norma padrão é priorizado. Inicialmente, partiu-se da hipótese de que a escrita acadêmica não seria muito permeável, e que mudanças na fala e na escrita demoram para aparecer em textos científicos.

Por outro lado, principalmente quando se fala da área de ciências sociais e humanas, o ambiente acadêmico promove vivências e debates que, fora da universidade, talvez não teriam tal espaço; assim, também é possível pensar que a linguagem científica seria uma das primeiras a acolher a LN/LI, por saber da importância da pauta que está por trás dela, além da possibilidade de se posicionar a respeito do tema.

Visto que o objetivo é analisar a permeabilidade da linguagem acadêmica, três grandes áreas de estudo foram abrangidas: a área de humanas, de exatas e a biológica. Além de analisar se a LN/LI está sendo usada no texto acadêmico, também pretendemos observar se é possível notar diferença entre as áreas: se alguma é mais aberta aos neologismos, enquanto outra é menos, por exemplo, ou se a linguagem inclusiva aparece mais na fala do que na escrita, ou até se ela não está presente de maneira alguma.

Também analisaremos qual ou quais variações da linguagem é ou são usadas, outro dado bastante relevante. Como mencionado, por se tratar de um fenômeno muito recente e em movimento, transição, ainda há muita variação no uso e dúvidas sobre qual variante seria a mais adequada. Espera-se que, através da análise exploratória, possamos traçar minimamente os caminhos da LN/LI e não sexista.

Os resumos foram selecionados com base nos seguintes critérios: i) se havia menção a substantivos generalizantes da língua, como “professores”, “alunos” ou “estudantes”, para que, assim, fosse possível observar se a linguagem neutra ou inclusiva foi usada para se referir a

grupos compostos por pessoas de ambos os sexos; ii) se havia usos como o do substantivo “homem” para se referir ao ser humano como um todo (como em “os direitos do homem”); iii) área de conhecimento², procurando equilibrar o número de resumos de cada área para melhor análise. A partir disso, os textos foram analisados manualmente, sem uso de *software*, por se tratar de um *corpus* pequeno, e os dados organizados em tabelas que serão, logo, analisadas.

Os resumos foram reunidos em planilhas do Microsoft Excel, com os seguintes dados: autoria, título, periódico, ano de publicação, área e o texto do resumo. Após uma primeira leitura, foram excluídos da seleção resumos que não faziam menção a nenhum gênero, pessoas ou participantes, por não serem relevantes para a pesquisa. Também foram excluídos resumos de artigos cuja pesquisa era baseada em apenas um gênero, como estudos feitos com grupos compostos exclusivamente por mulheres ou exclusivamente por homens, por estarem, naturalmente, flexionados de acordo com o gênero que participou da pesquisa ou do estudo.

As conferências foram encontradas através da busca do YouTube por termos relacionados à área e termos-chave como *colóquio/conferência* ou *colloque/conférence* com o filtro ativado para vídeos publicados no último ano. O levantamento foi feito a partir dos primeiros minutos de vídeo, visto que o objetivo era fazer um levantamento da forma com que as pessoas iniciavam sua apresentação (se usavam LI/LN ou não). Foram excluídos da seleção vídeos que começavam sem cumprimentos, diretamente com a introdução do tema do colóquio, ou quando a fala era iniciada apenas por *Bonjour/bonsoir* ou *Boa tarde/Bom dia/Olá*, sem nenhum complemento. Através do mecanismo de transcrição automática do YouTube, busquei por palavras como *bonjour, bonsoir, bienvenus, bienvenues*, para incluir o máximo de amostras de fala em cada vídeo.

Sobre as áreas abordadas, nota-se que o número de resumos e conferências de humanas é superior ao das outras áreas. Isso se deu principalmente pelo fato de que diversos resumos de artigos científicos das áreas de exatas e de biológicas consultados não apresentavam menção a gênero humano (como *entrevistados/entrevistadas* ou *pesquisadores/pesquisadoras*), e sim a objetos de estudo específicos dessas áreas, como espécies, doenças, medicamentos, fórmulas etc.

² O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) divide as áreas do conhecimento em oito grandes áreas: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes. Para a presente pesquisa, os textos foram classificados em três grandes áreas: humanas, exatas e biológicas.

4.1 DADOS OBTIDOS

A seguir, serão apresentados os dados obtidos após a análise dos resumos, primeiro dos textos de língua portuguesa e depois dos textos de língua francesa. No total, foram analisados 54 resumos de artigos em língua portuguesa, 50 resumos de artigos em língua francesa, 22 introduções de conferências em língua portuguesa e 22 introduções de conferências em língua francesa.

Os textos foram avaliados e inseridos em uma das três categorias: i) apresenta o uso de linguagem neutra; ii) apresenta o uso de linguagem inclusiva; iii) não faz uso de linguagem neutra ou inclusiva e generaliza usando o masculino. Para a primeira categoria, foram considerados os exemplos mostrados nas subseções 3.5.1 e 3.5.2 deste trabalho; para a segunda categoria, consideraram-se os exemplos expostos nas seções 3.5.1 e 3.5.2; para o terceiro item, foi considerada qualquer generalização feita através do masculino quando estava explícito ou implícito que o grupo não era composto apenas por pessoas do sexo masculino (as informações estavam no próprio resumo, como a porcentagem de homens e mulheres que participaram da pesquisa, ou então era implícito que se falava de todas as pessoas idosas, por exemplo, e não apenas de homens idosos ou de mulheres idosas).

Para a classificação do presente trabalho, foi considerado se o uso da LN/LI aparecia no texto em questão, isto é, se havia ocorrência de uso, e não se ele era usado de maneira homogênea no texto. Esse parâmetro também foi seguido na análise das introduções de conferências, seminários e colóquios, por se tratar de um discurso de vários enunciadores e enunciatóricas, ou seja, com diferentes pessoas fazendo seu próprio discurso, baseadas em opiniões pessoais, sem a necessidade aparente de um consenso prévio do grupo (como no caso do resumo de artigos científicos). Para o levantamento de dados, foi considerada a aparição de LI/LN, mesmo que minoritária no grupo de pessoas participantes do evento, e não seu uso por 100% daqueles e daquelas que se apresentaram.

4.1.1 *Corpus* em português brasileiro

Em língua portuguesa, foram analisados 53 resumos de artigos e 21 introduções de conferências (tanto feitas totalmente *on-line* quanto gravações de eventos realizados de forma presencial). A seguir, serão expostos em tabelas os dados relativos às áreas e à data de publicação. Para os artigos, foi considerada a data de publicação do volume da revista, e, para as conferências, foi considerada a data do evento, e não a data de publicação no YouTube.

Tabela 1 – Materiais em língua portuguesa.

ÁREA	RESUMOS	CONFERÊNCIAS
HUMANAS	22	18
EXATAS	16	2
BIOLÓGICAS	15	2
TOTAL	53	22

Fonte: A autora.

O *corpus* em língua portuguesa foi composto em sua maioria por materiais disponibilizados nos anos de 2021 e 2022. Não foram coletados materiais do ano de 2019, e há um resumo e duas conferências do ano de 2020.

Tabela 2 – Data de publicação dos materiais.

ANO	RESUMOS	CONFERÊNCIAS
2019	0	0
2020	1	2
2021	6	17
2022	46	3

Fonte: A autora.

A análise mostrou que a maioria dos resumos fez uso da neutralização através do substantivo masculino, enquanto oito resumos fizeram uso da linguagem inclusiva de maneiras diferentes, e apenas um resumo apresentou o uso de linguagem neutra.

Tabela 3 – Usos de LN/LI em resumos em língua portuguesa.

LN	LI	MASCULINO GENÉRICO
01	08	44

Fonte: A autora.

Dos 53 resumos em língua portuguesa analisados, foi relatado apenas um uso de LN (“todes”), em um artigo publicado em 2022 no periódico *Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, portanto, da área de Ciências Biológicas.

O uso de LI foi encontrado, por sua vez, em oito resumos:

- i) 2 resumos da área de Ciências Biológicas (ambos usaram “pessoas idosas” ao invés da opção marcada “idosos”);
- ii) 2 resumos da área de Ciências Exatas (“futuros pedagogos e futuras pedagogas” e “para todas as pessoas” ao invés de “para todos”);
- iii) 4 resumos da área de Ciências Humanas (dois usos de parênteses [“os(as)” e “dos(das)”], um uso de especificação (“negros e negras”) e um uso de “pessoas”).

Os 44 resumos restantes usaram o masculino genérico para se referir a homens e mulheres. Em alguns resumos, houve uso misto de LI concomitantemente com termos usando o masculino genérico. Não foi observado o uso de LN juntamente com o masculino genérico.

Tabela 4 – Usos de LN/LI em introduções de conferências em língua portuguesa.

LN	LI	MASCULINO GENÉRICO
3	16	6

Fonte: A autora.

No *corpus* composto por introduções de conferências, a LI foi predominante: 16 eventos tiveram sua fala inicial feita com “todas e todos”, enquanto 3 usaram a LN (“todes”, “todxs” [pronunciado como “todcs”]); em apenas 5 conferências todas as pessoas usaram somente o plural masculino para sua saudação (“a todos” ou “aos presentes”). Foram observadas ocorrências de termos não marcados, como “vocês” ou “quem está nos assistindo”.

Quanto à verificação de prevalência de uso de LN/LI em alguma área do conhecimento, encontramos o seguinte resultado:

Tabela 5 – Relação áreas X usos em resumos de língua portuguesa.

ÁREA	LN	LI	MASC. GEN.
HUMANAS	00	04	18
EXATAS	00	02	14
BIOLÓGICAS	01	02	12

Fonte: A autora.

Tabela 6 – Relação áreas X usos em eventos de língua portuguesa.

ÁREA	LN	LI	MASC. GEN.
HUMANAS	03	12	03
EXATAS	00	00	02
BIOLÓGICAS	00	01	01

Fonte: A autora.

Como é possível observar, encontramos no *corpus* mais ocorrências de LN/LI em gênero oral (conferência) em áreas de Humanas; por outro lado, em gêneros escritos, há uma maior aproximação entre os grandes campos, sobretudo entre o de Humanas e o de Biológicas. A seguir, serão expostos os dados do corpus em língua francesa e, na próxima seção, os dados serão analisados e debatidos em sua totalidade.

4.1.2 *Corpus* em língua francesa

O *corpus* de língua francesa foi composto por um total de 50 resumos de artigos publicados em revistas e periódicos de livre acesso e 22 introduções de conferências transcritas e posteriormente analisadas manualmente, sem o uso de *software*. A seguir, serão apresentados os dados relativos ao *corpus* em francês.

Tabela 7 – Materiais em língua francesa.

ÁREA	RESUMOS	CONFERÊNCIAS
HUMANAS	24	15
EXATAS	14	02
BIOLÓGICAS	12	05
TOTAL	50	22

Fonte: A autora.

O *corpus* foi composto por 24 resumos e 15 conferências/congressos das áreas de Ciências Humanas, 14 resumos e 2 conferências da área de Ciências Exatas e 12 resumos e 5 conferências da área de Ciências Biológicas.

Tabela 8 – Data de publicação dos materiais.

ANO	RESUMOS	CONFERÊNCIAS
2019	00	03
2020	09	00
2021	19	07
2022	22	12

Fonte: A autora.

Os materiais são predominantemente dos anos de 2021 e 2022, com o propósito de obter exemplos dos usos mais recentes na linguagem científica de língua francesa.

Tabela 9 – Usos de LN/LI em resumos de periódicos em língua francesa.

LN	LI	MASCULINO GENÉRICO
00	13	36

Fonte: A autora.

Após a análise do *corpus*, notou-se que 13 resumos apresentaram o uso de linguagem inclusiva, principalmente através do uso da variação do ponto mediano, e a maior parte dos resumos usou substantivos masculinos como generalizante ou neutro. Não foram encontradas ocorrências de LN.

Tabela 10 – Usos de LN/LI em introduções de conferências em língua francesa.

LN	LI	MASCULINO GENÉRICO
00	13	09

Fonte: A autora.

Nas conferências de língua francesa analisadas para a pesquisa, não foi observado o uso de linguagem neutra. Porém, treze (13) conferências foram iniciadas por “à toutes et à tous” ou “à toutes et tous”, enquanto nove (09) usaram o cumprimento “bonsoir à tous”. Assim como em língua portuguesa, em francês naturalmente também foi observado o uso misto: na mesma conferência, alguns ou algumas participantes usaram LI, enquanto outra parte não o fez. Abaixo, nas duas Tabelas que se seguem, estão relacionadas as áreas de conhecimento com os dados de uso encontrados através da observação dos resumos e transcrições de eventos em francês:

Tabela 11 – Relação áreas X usos em resumos de língua francesa.

ÁREA	LN	LI	MASC. GEN.
HUMANAS	00	10	14
EXATAS	00	02	12
BIOLÓGICAS	00	02	12

Fonte: A autora.

Tabela 12 – Relação áreas X usos em eventos de língua francesa.

ÁREA	LN	LI	MASC. GEN.
HUMANAS	00	08	07
EXATAS	00	00	02
BIOLÓGICAS	00	05	00

Fonte: A autora.

Há uma predominância clara das áreas de Humanas, tanto nos gêneros escritos quanto orais. Pode-se perceber que o masculino genérico ainda predominou, em grande parte dos materiais, e a LI ainda aparece muito pouco, exceto em resumos da área de Ciências Humanas. Por meio deste levantamento de dados e da análise quantitativa de informações, procurou-se obter uma pequena amostra de textos acadêmicos dos últimos anos a fim de observar as

ocorrências de LN/LI e de suas respectivas variações. Após a exposição dos dados obtidos, na seção a seguir examinaremos e discutiremos os resultados.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão analisados os dados obtidos através da pesquisa exploratória quantitativa feita para o presente trabalho. Primeiramente, serão analisados os dados dos *corpora* em língua portuguesa e, posteriormente, os dados dos *corpora* em língua francesa.

Como é possível observar na subseção 4.1.1, na Tabela 3, o uso do masculino genérico ainda é o predominante no *corpus* de resumos científicos de língua portuguesa publicados no Brasil. A LI vem em segundo lugar, constando em oito dos 53 resumos coletados. A LN aparece somente em um resumo, em um periódico da área da saúde (Ciências Biológicas). A hipótese inicial era de que a LN seria relatada antes em publicações das áreas de Ciências Sociais e Humanas, por se tratarem de campos que debatem mais amplamente questões sociais. O uso de LI foi feito principalmente por meio de variações mais conhecidas, como o uso de especificação com parênteses (“dos(as)”), de termos generalizadores (“população LGBT”) e de especificação dupla (“personagens negros e negras”). Tais usos são recomendados por manuais de linguagem inclusiva e demonstram uma conscientização e posicionamento dos autores e autoras dos artigos.

Os dados da Tabela 4, por sua vez, mostram que a fala acadêmica parece estar mais aberta a acolher a LI e a LN do que a escrita. A maior parte das introduções de conferências analisadas (16 de 22) fizeram uso de especificação dupla (“a todos e a todas” ou “a todas e a todos”). Observou-se o uso misto, com participantes do mesmo evento usando variações diferentes ou optando por fazer o uso da especificação dupla, mas a adesão não foi unânime em 3 dos 16 eventos que usaram LI. Houve também o uso de especificação dupla e masculino genérico na mesma fala (“sejam *todas e todos* muito *bem-vindos*”).

Em língua francesa, a principal variação observada é aquela feita com o uso do ponto mediano, que aparece em diversos documentos e manuais sobre linguagem inclusiva publicado pelos governos dos países francófonos. O uso dessa variação foi observado tanto em *sites* acadêmicos da área de Ciências Exatas quanto de Ciências Sociais e Humanas. Durante a pesquisa, foi possível observar que alguns periódicos já se posicionam a respeito ou fazem o uso de LN em seu próprio *site*, como no caso da revista multidisciplinar *Cahiers du genre*, que aborda estudos de gênero. Na barra lateral do *site*, para se referir aos autores e autoras, usa-se “*autaires*”, a variação não binária de “*auteur*”/“*autrice*”, portanto, LN; no mesmo portal, é

usada a variação com o ponto mediano “*auteur-es*” (LI). Por outro lado, o *Cahiers du droit*, periódico da Faculdade de Direito da Universidade de Laval, no Quebec, traz em alguns de seus artigos mais recentes esta nota informativa: “Em virtude das regras linguísticas da revista, o uso somente da forma masculina visa a clarificar o texto e, segundo as circunstâncias, designa tanto as mulheres quanto os homens.” Estas observações somam-se ao debate ainda não unânime quanto ao uso das linguagens neutra e inclusiva e mostram uma decisão coletiva por parte dos coordenadores do Instituto e das revistas sobre a questão do uso da LI, especificamente do uso do ponto mediano.

Analisando os resultados das Tabelas 9 e 10, vê-se que a maioria dos resumos em língua francesa fez uso do masculino genérico, enquanto a adesão às linguagens neutra e inclusiva é mais baixa. Entre os resumos que aderiram à LI, as variações observadas são o uso do ponto mediano, da especificação dupla (“*à ceux et à celles*”, “*les professionnelles et les professionnels*”, “*acteurs et actrices*”) e de “pessoas” (“*personnes en situation de...*”, “*personnes souffrant de...*”). Novamente, esses dados mostram que autores e autoras estão cientes do debate sobre a LI e a LN.

Nas conferências, colóquios e congressos em língua francesa, a LI foi usada em 13 dos 22 eventos; o genérico masculino foi usado em 9 deles; a LN não foi observada em nenhuma introdução. O uso mais comum foi a saudação através de especificação dupla, como em “*bonjour à toutes et tous*” e “*bonsoir à toutes et tous*”. Em duas falas de eventos diferentes usou-se “*tout le monde*” (em português: “todo mundo”).

Sobre a prevalência de determinado uso em certas áreas, a partir dos dados observados nas Tabelas 7, 8, 13 e 14, é possível inferir que, nos materiais coletados para esta pesquisa, a área de Ciências Humanas, em língua portuguesa, faz um uso relevante da LI, enquanto a área de Ciências Biológicas, em eventos de língua francesa, também parece ter uma inclinação para o uso da mesma linguagem (LI). No entanto, para chegar a resultados mais conclusivos a respeito desse uso, seria necessário coletar mais textos para o *corpus* de eventos, principalmente de maneira presencial no atual cenário pós-pandemia, visto que a LI e a LN, por serem tão atuais, parecem evoluir de maneira bastante rápida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou fazer levantamento exploratório dos usos de LI e LN em resumos de artigos científicos e transcrições de introduções de eventos acadêmicos, predominantemente de forma virtual, como atas, colóquios e congressos. Tentou-se abranger o maior número de áreas possível, por meio da consulta de diferentes revistas e portais de periódicos de livre acesso. O objetivo inicial era analisar se a linguagem acadêmico-científica é permeável às linguagens neutra e inclusiva, além de observar se seu uso prevalecia em alguma área do conhecimento ou data de publicação ou transmissão. Não foram levados em conta dados como o gênero e a idade dos falantes – informações que podem ser relevantes para aprofundar a pesquisa futuramente. Além disso, também seria interessante analisar se o periódico acadêmico em que o artigo foi publicado trata em suas diretrizes sobre a questão da LN/LI. Como foi visto, algumas revistas francófonas já exigem o uso de LI ou de LN, enquanto outros se opõem ao seu uso.

Inicialmente, foi feito um importante panorama sobre o debate acerca das linguagens neutra e inclusiva principalmente nos últimos dois anos, tanto no Brasil quanto em países francófonos. Através da leitura de notícias, falas, documentos, projetos de lei e manuais, pôde-se perceber que ambas as culturas estão debatendo sobre o tema e que não chegaram a um consenso oficial. De um lado, afirma-se que essas linguagens estariam destruindo a língua; do outro, que são pautas importantes, relevantes e de que maneira seu uso deve ser feito – durante a pesquisa, foi possível observar que pessoas adeptas da LI e principalmente da LN são contra o uso das variações com X e @, por exemplo, por serem de difícil pronúncia e leitura.

Destaca-se o fato de que a discussão, especialmente envolvendo a LN e a não binaridade, ainda suscita muitos equívocos, como a confusão entre gênero, sexo e sexualidade. Pesquisas futuras podem buscar compreender por qual motivo há uma oposição tão voraz contra o uso dessas linguagens, vide a quantidade de Projetos de Lei visando proibir o uso de LN e LI, especialmente no Brasil. No entanto, estas linguagens são alvo de críticas também em outros países que já fazem uso delas, como Argentina e Itália.

Por fim, as linguagens neutra e inclusiva não são meras linguagens ou usos inconscientes. Por trás delas, há dois debates urgentes: a luta das mulheres e das pessoas

LGBTQIA+; sua inclusão como pessoas de direitos na sociedade de maneira geral e, também, por outro lado, sua valorização (no caso do primeiro grupo) e sua inclusão (no caso do segundo grupo) no meio científico e acadêmico. Como demonstrado na introdução, os dados de violência contra esses dois grupos no Brasil não diminuem conforme o debate e as pautas sociais avançam; pelo contrário: o número de pessoas violentadas ou assassinadas em decorrência de seu gênero e/ou de sua sexualidade continuam aumentando a cada dia. A sociedade e a língua estão intrinsicamente conectadas; não há como uma não ser afetada pela outra. Assim, aumentar a visibilidade desses grupos de pessoas e suscitar discussões sobre gênero, ainda mais em contexto científico-acadêmico, é o maior motivo para que temas como este sejam debatidos com urgência, de modo que, através do conhecimento, possamos melhorar diretamente a qualidade de vida de mulheres, de pessoas LGBTQIA+ e de todas as minorias.

REFERÊNCIAS

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Lettre ouverte sur l'écriture inclusive**. Paris, 7 maio 2021. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/lettre-ouverte-sur-lecriture-inclusive>. Acesso em: 25 set. 2022.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo e tradução. **Traduzires**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 19-32, maio 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

BIMBENET, Charles. Pourquoi Le Robert a-t-il intégré le mot « iel » dans son dictionnaire en ligne? **Le Robert**, França, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/dis-moi-robert/raconte-moi-robert/mot-jour/pourquoi-le-robert-a-t-il-integre-le-mot-iel-dans-son-dictionnaire-en-ligne.html>. Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n. 5198/2020**. Veda expressamente a instituições de ensino e bancas examinadoras de seleções e concursos públicos a utilização, em currículos escolares e editais, de novas formas de flexão de gênero e de número das palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras gramaticais consolidadas. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1942371&filenome=PL+5198/2020. Acesso em: 1 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Brasil tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres até julho de 2022**. 8 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes->

2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contras-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar. Acesso em: 1 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Íntegra do discurso da ministra Eleonora Menicucci na cerimônia de sanção da lei do feminicídio**. 9 mar. 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/integra-do-discurso-da-ministra-eleonora-menicucci-na-cerimonia-de-sancao-da-lei-do-femicidio>. Acesso em: 2 out. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução n. 376, de 2 de março de 2021**. Dispõe sobre o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou demais designações na comunicação social e institucional do Poder Judiciário nacional. Brasília, DF: Conselho Nacional de Justiça, 2021. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/original1229362021030560422430ecd5f.pdf>. Acesso em: 2 out. 2022.

COLOMBO, Sylvia. Jovens argentines compram a briga pela linguagem inclusiva. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sylvia-colombo/2020/01/jovens-argentines-compram-a-briga-pela-linguagem-inclusiva.shtml>. Acesso em: 1 out. 2022.

DERRITE, Capitão. O projeto de lei que proíbe a linguagem neutra deve ser aprovado no Congresso? SIM. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/07/o-projeto-de-lei-que-proibe-a-linguagem-neutra-deve-ser-aprovado-no-congresso-sim.shtml>. Acesso em: 1 out. 2022.

ESPÍRITO SANTO. Assembleia Legislativa. **Favatto defende norma culta da língua portuguesa**. Espírito Santo, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2020/12/40262/favatto-defende-norma-culta-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 25 set. 2022.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20 n. 36, p. 166-178, jan./jun. 2016.

FIGUEIREDO, Camila; MALVEZZI, Paulo. Brasil tem 34 projetos de lei estadual para impedir uso da linguagem neutra: assembleias de 19 estados discutem o tema e a maioria das propostas são de bolsonaristas. **Brasil de Fato**, São Paulo, 23 out. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/23/brasil-tem-34-projetos-de-lei-estadual-para-impedir-uso-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 2 out. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. **Língua neutra é “invenção burra” que não deve ser ensinada, diz Pedro Bandeira**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/lingua-neutra-e-invencao-burra-que-nao-deve-ser-ensinada-diz-pedro-bandeira.shtml>. Acesso em: 1 out. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Violência contra mulheres em 2021**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 1 out. 2022.

FRANÇA. Ministère de l'Éducation Nationale de la Jeunesse et des sports. **Règles de féminisation dans les actes administratifs du ministère de l'Éducation nationale, de la Jeunesse et des Sports et les pratiques d'enseignement**. Le Bulletin officiel de l'éducation nationale, de la jeunesse et des sports, França, n. 18, 6 maio 2021. Disponível em: [ih2ef.gouv.fr/regles-de-feminisation-dans-les-actes-administratifs-et-les-pratiques-denseignement](https://www.ih2ef.gouv.fr/regles-de-feminisation-dans-les-actes-administratifs-et-les-pratiques-denseignement). Acesso em: 25 set. 2022.

FRANCEINFO. **Apparition du pronom “iel” dans Le Robert**: “C’est un peu surprenant qu’il entre déjà dans un dictionnaire”, s’étonne un linguiste. 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.francetvinfo.fr/societe/education/ecriture-inclusive/apparition-du-pronom-iel->

dans-le-robot-c-est-un-peu-surprenant-qu-il-entre-deja-dans-un-dictionnaire-s-etonne-un-linguiste_4848691.html. Acesso em: 25 set. 2022.

GUIDE d'écriture inclusive. **Revue Feminétudes**, set. 2020. Disponível em: https://les3sex.com/medias/document/file_document/Guide_en_format_PDF.pdf. Acesso em: 1 out. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101934.pdf>. Acesso em: 2 out. 2022.

KELLER, Evelyn Fox. *Le/la scientifique : sexe et genre dans la pratique Scientifique*. **Les Cahiers du CEDREF**, Paris, v. 11, p. 75-87, 2003.

KILIAN, C. K.; LOGUERCIO, S. D. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. **Tradterm**, São Paulo, v. 26, p. 241-267, dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/113410>. Acesso em: 2 out. 2022.

KOLODNY, Rossana. **Marcação de gênero e classe gramatical em francês**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

LANKES, Ana. Buenos Aires proíbe linguagem de gênero neutro em escolas e abre batalha com ativistas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml>. Acesso em: 2 out. 2022.

LOGUERCIO, S. D.; KILIAN, C. K. Fraseologias de gênero de resumos de artigos científicos (português, alemão, francês). In: ZAVAGLIA, C.; SIMÃO, A.K.G. (org.). **Reflexões, tendências e novos rumos dos Estudos Fraseoparamiológicos**. São José do Rio Preto:

UNESP, 2017, p. 88-101. Disponível em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/93fcd_b_df349d2cd9f44da9bb96ef6589260af4.pdf. Acesso em: 2 out. 2022.

LOGUERCIO, Sandra Dias. Educação continuada no Acervo TERMISUL: um estudo da linguagem científica baseado em corpus e sua aplicação à disciplina de versão para o francês.

Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 375-398, set. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p375/37386>.

Acesso em: 2 out. 2022.

LOGUERCIO, Sandra Dias. Entre buscar contribuir e la contribution: a modalização em resumos científicos em português e francês. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 3, p.

881-905, jul./set. 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16662/10570>. Acesso em: 2 out. 2022.

LOGUERCIO, Sandra Dias. A linguagem comum do artigo científico em português

brasileiro: um estudo baseado em corpus. **Revista ANTARES**, v. 12, n. 25, p. 140-164, 2020.

Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/8238/4168>.

Acesso em: 2 out. 2022.

LOGUERCIO, S. D.; CERESER, M. T. I.; BEVILACQUA, C. R. Uma proposta de objeto de

aprendizagem para futuros tradutores: a modalização em resumos científicos em português,

espanhol e francês. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, MG, v. 11, n. 1,

p. 43-59, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16780>. Acesso em: 2 out. 2022.

LOGUERCIO, Sandra Dias. Base ArtCient em francês e português brasileiro: como dizer o que se quer dizer no texto científico. *In*: BEVILACQUA, C.R.; NOVODOVORSKI, A.

(org.). Universidade Federal de Uberlândia. No prelo.

Loison-Leruste, Marie; SAMUEL, Olivia; THÉRON, François. **L'écriture inclusive et ses usages dans les revues de sciences humaines et sociales**. 2022. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03542374/document>. Acesso em: 2 out. 2022.

MILLER, Michael David. **Guide de recherche sur l'écriture inclusive**. Montréal: Bibliothèque de l'Université McGill, 2018. Disponível em: <https://libraryguides.mcgill.ca/ecritureinclusive>. Acesso em: 7 out. 2022.

MUNIZ, Mariana. Fachin, do STF, suspende lei estadual que proibia uso de linguagem neutra no ensino. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/fachin-do-stf-suspende-lei-estadual-que-proibia-uso-de-linguagem-neutra-no-ensino-25280448>. Acesso em: 2 out. 2022.

O VALE. Saud veta projeto que visava proibir uso da “linguagem neutra” em Taubaté. **O Vale**, São Paulo, 15 set. 2022. Disponível em: <https://sampi.net.br/sao-jose/noticias/1719753/politica/2022/09/saud-veta-projeto-que-visava-proibir-uso-da-linguagem-neutra-em-taubate>. Acesso em: 2 out. 2022.

RAE. **La forma «elle» y las terminaciones en «-e» en voces con flexión «-o/-a» son recursos facticios promovidos en ciertos ámbitos para referirse a quienes no se identifican con ninguno de los géneros del par binario, pero su uso no está generalizado ni asentado**. 11 out. 2021. Twitter: @RAEinforma. Disponível em: <https://twitter.com/RAEinforma/status/1447439145320714245>. Acesso em: 1 out 2022.

REDEKER, Robert. Redeker: « D'un point de vue civilisationnel, l'écriture inclusive est comparable à la destruction des paysages ». **FigaroVox**, França, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/vox/societe/redeker-d-un-point-de-vue-civilisationnel-l-ecriture-inclusive-est-comparable-a-la-destruction-des-paysages-20210413>. Acesso em: 25 out. 2022.

REIS, Maira. **A Gramática da Linguagem Neutra de Gênero para Destruir o Binarismo na Comunicação**. 2019. Disponível em: <https://mairareis.com/gramatica-da-linguagem-neutra-de-genero/>. Acesso em: 7 out. 2022.

OLIVEIRA, José Marcelo; MOTT, Luiz (org.). **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2021**. 1. ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 7 out. 2022.

RÉROLLE, Raphaëlle. L'Académie française se résout à la féminisation des noms de métiers. **Le Monde**, Paris, 28 fev. 2019. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2019/02/28/l-academie-francaise-se-resout-a-la-feminisation-des-noms-de-metiers_5429632_3224.html. Acesso em: 25 set. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. Trad. Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro diz que não pode “ceder às minorias”: precisam “se adequar”. **Correio Braziliense**, Minas Gerais, 15 jul. 2022a. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/07/5022550-bolsonaro-diz-que-nao-pode-ceder-as-minorias-precisam-se-adequar.html>. Acesso em: 25 set. 2022.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro: “Parte da garotada nem sabe português e quer a linguagem neutra”. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 21 set. 2022b. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5038427-bolsonaro-parte-da-garotada-nem-sabe-portugues-e-quer-a-linguagem-neutra.html>. Acesso em: 25 set. 2022.

UNIÃO EUROPEIA. **Comunicação inclusiva no SCG**. Bruxelas: Secretariado-Geral do Conselho, 2018. Disponível em: <http://www.ssexbbox.com/wp->

content/uploads/2019/02/pt_brochure-inclusive-communication-in-the-gsc.pdf. Acesso em: 7 out. 2022.

ZAMBRANO, Priscila Cristina. **Linguagem inclusiva em destaque:** pesquisa, análise e divulgação dos xis da questão. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2022.